

Capítulo M1

Planícies

Página inicial	Lista das áreas
--------------------------------	---------------------------------

Desta área são os índios cuja imagem estereotipada foi popularizada pelos filmes de bang-bang. Essa divulgação, entretanto, não corresponde a uma difusão maior de textos sobre eles em nossa língua. Entre os poucos trabalhos em português há um artigo de Eduardo Galvão (1963), como que uma proposta de pesquisa, ao que parece nunca levada a termo, em que compara a importância da introdução do cavalo na mudança cultural dos índios das Planícies da América do Norte com a difusão do uso do mesmo animal no Chaco e nos Pampas da América do Sul. Outro texto em português que se ocupa, ainda que parcialmente, dos índios das Planícies é a tradução do livro de Ruth Benedict, *Padrões de Cultura*, que toma suas culturas como exemplo da configuração dionisíaca. Sobre a conquista das Planícies pelos brancos na segunda metade do século XIX, do ponto de vista indígena, há a tradução do livro de Dee Brown (1972).

Caracterização das Planícies

A área a que os etnólogos dão o nome de Planícies se estende entre o rio Mississippi e as montanhas Rochosas; e, no sentido noroeste-sudeste, desde o sul do Canadá até o estado do Texas. Ou seja, uma área que corresponde, no Canadá, ao sul das províncias de Manitoba, Saskatchewan e Alberta; e, nos Estados Unidos, recobre total ou parcialmente os estados de Montana, Dakota do Norte, Dakota do Sul, Minnesota, Wyoming, Nebraska, Iowa, Colorado, Kansas, Missouri, Oklahoma e Texas.

O índice pluviométrico anual é baixo e decresce de leste para oeste. A cobertura vegetal, por conseguinte, é de gramíneas. Na parte oriental, onde chove mais, o solo é mais escuro e o capim, mais alto; são as chamadas pradarias. Na direção do oeste a altitude vai aumentando gradualmente até chegar às Rochosas.

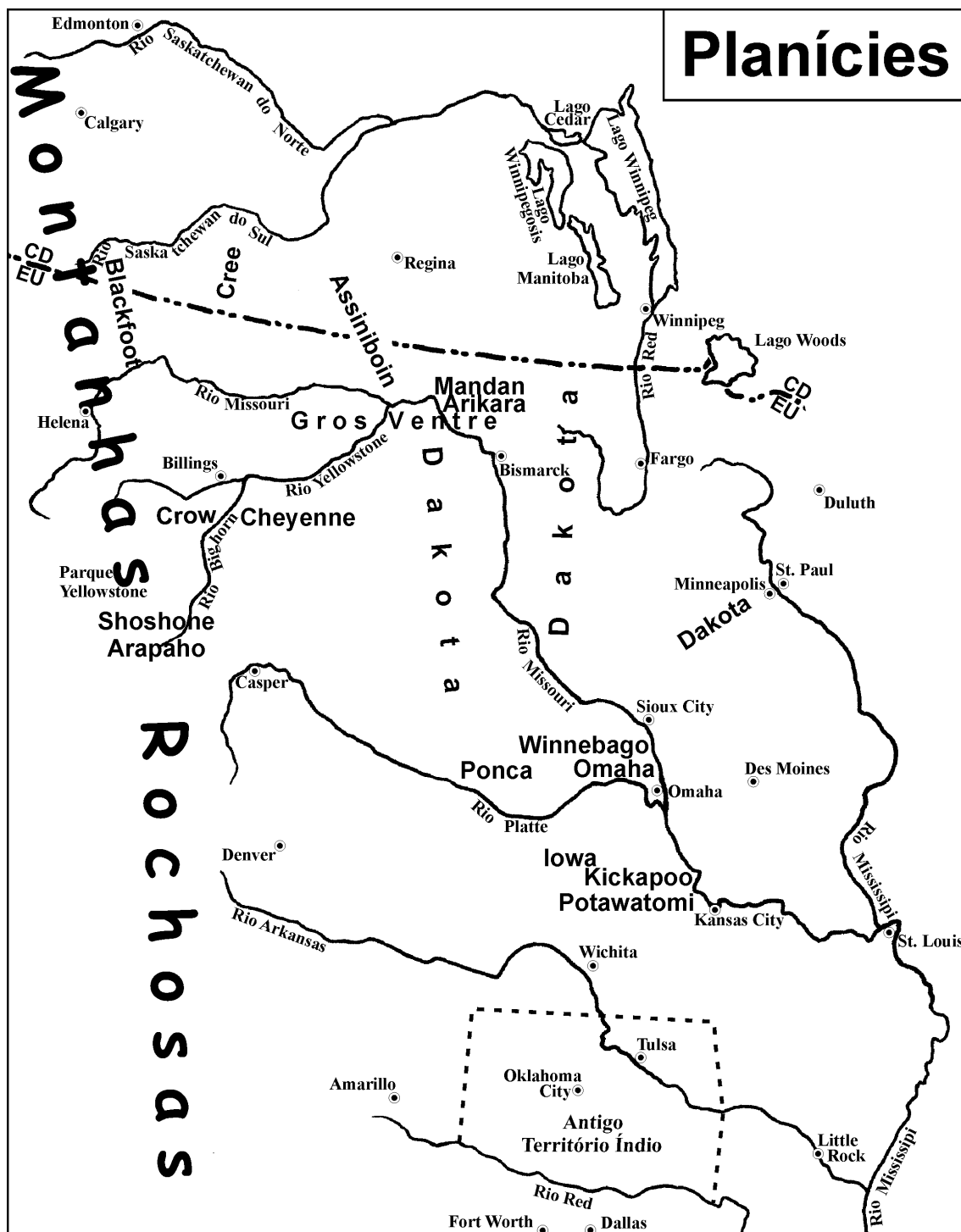
A imagem que a Etnologia nos oferece dos índios desta área geralmente reproduz sua maneira de viver nos meados do século XIX, quando tem lugar a conquista de seus territórios pelos brancos. Sem dúvida essa imagem já não mais corresponde a sua situação no presente, modificada que foi por essa mesma conquista. Por outro lado, aquela maneira de viver não remontava a épocas demasiado remotas. Pelo contrário, não tinha mais de dois séculos. O bisão havia muito tempo vivia na região, e era caçado pelos índios, que se deslocavam a pé. Em seus trajetos, eles se valiam de cães para transportarem sua bagagem, diretamente sobre eles ou presa a duas varas com suas pontas amarradas uma à outra sobre as costas do animal enquanto a outras se arrastavam no chão; por vezes usavam uma só vara. Em alguns desses grupos indígenas, a carne de cachorro também era consumida.

As grandes modificações que deram a feição pela qual esta área cultural é mais conhecida também se relacionam ao contato com os brancos, quando estes ainda não tinham penetrado a região, mas já dominavam áreas vizinhas. Os índios que

trabalhavam para os colonos espanhóis em áreas correspondentes aos atuais Texas e Novo México aprenderam a lidar com os cavalos introduzidos por estes. Tais conhecimentos foram passando para os índios livres vizinhos, que vieram a conseguir esses animais por compra, roubo ou mesmo se apropriando daqueles que, tendo fugido, reproduziam-se longe dos estabelecimentos. Dessa maneira, o uso do cavalo foi se expandindo entre os índios pelas Planícies, de sul para norte. Por sua vez, os franceses que colonizavam o Canadá estimularam entre os índios as caçadas de animais de peles valiosas, comprando-as a troco de artigos europeus, entre os quais as armas de fogo. Assim também estas se difundiram entre os índios. A caçadas de bisões se tornaram mais eficientes com os uso dos cavalos para cercá-los e persegui-los. Talvez a arma de fogo não tenha sido tão decisiva assim no que tange à caça. Era mais fácil retesar o arco com uma nova flecha do que municiar uma espingarda da época sobre o cavalo e em plena perseguição aos bisões. Mas as armas de fogo deram aos índios delas providos certa vantagem sobre os demais, provocando um deslocamento para oeste, tanto de perseguidores como de perseguidos, na região dos Grandes Lagos, que viria a ser a fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos. Assim, índios dessa área vieram achar vantagem em penetrar nas Planícies para viver das caçadas de bisões, abandonando até a agricultura, quando a tinham. Sobre a expansão do uso do cavalo há interessante artigo de John Ewers (1967).

Dentre as peculiaridades culturais da área das Planícies dos meados do século XIX se contavam a caça de animais de grande porte (o bisão), que provia os índios de carne, mas também de couros para a confecção de inúmeros artefatos, inclusive a cobertura das tendas cônicas (tipis) em que viviam pelo menos uma parte do ano. No artesanato, a cerâmica, a tecelagem, a cestaria, o trabalho em madeira era pouco desenvolvido ou ausente. Mas as mulheres se destacavam nos bordados guarnecidos com espinhos de ouriço, contas ou penas. Os motivos da pintura decorativa feita pelas mulheres nos artefatos de couro eram geométricos; já os homens faziam figuras realistas em mantos, escudos e tipis. Outra característica era a belicosidade, a existência de sodalícios que cultivavam o espírito guerreiro e serviam como força policial. Realizavam-se um certo número de rituais complexos, dentre os quais se destacava a Dança do Sol. Uma língua de sinais, gestos feitos com mãos, braços, cabeça e outras partes do corpo, permitiam comunicação à distância, mesmo entre falantes de idiomas distintos. Parece que com esses sinais era possível contar sumariamente até alguns casos (Lowie, 1982, pp. 4-7).

Alguns dos povos das Planícies, além de partilhar dessas características, apresentavam outros traços adicionais, como a confecção de cerâmica, agricultura, semi-sedentarismo, com residência temporária em aldeias de casas de terra. Eram os hidatsas, mandan e arikaras, do trecho em que o rio Missouri inflete para o sul no atual estado de Dakota do Norte, os pawnees, no estado de Nebraska, os wichitas, no estado de Oklahoma, e aqueles a que Lowie se refere vagamente como siouanos (da família linguística sioux) meridionais. Estes seriam os omahas, poncas e otos, no estado de Nebraska; os iowas, missouris e kansas, respectivamente nos estados que tomam seus nomes; e os osages, entre os estados de Missouri e Arkansas. Lowie também lembra povos de áreas vizinhas que partilhavam alguns traços com os das Planícies, como os utes e shoshones, da Grande Bacia, os kutenais, flathead, nez percés, yakimas, spokanes, do Platô (pp. 6-7). Sem dizer que parte dos crees, da área Hudson-Labrador, e parte dos ojibwa ou chippewas, da área dos Grandes Lagos, tinham-se instalado nas Planícies e adotado o seu modo de vida.



Organização social

Parece que todos os povos das Planícies oscilavam entre agrupamentos maiores e menores, segundo as estações. Na primavera e verão juntavam-se em grupos maiores e realizavam suas grandes cerimônias. No outono se desmembravam em bandos menores para enfrentar as dificuldades da subsistência no inverno. Os povos mais orientais, quando nos agrupamentos maiores, reuniam-se em grandes habitações redondas de

estrutura de madeira e cobertos de terra. Os ocidentais viviam permanentemente em habitações cônicas de couro, os tipis. Os cheyennes, por exemplo, eram constituídos por dez bandos, que somente se reuniam no verão, num acampamento circular, quando realizavam seus rituais (Hoebel, 1960, p. 31).

Grande parte desses povos se dividiam e possivelmente ainda se dividem em clãs, patrilineares para uns, matrilineares para outros. Em alguns casos, esses clãs exogâmicos agrupavam-se em algumas fratrias, também exogâmicas, chamadas metades nos exemplos em que se limitam a duas.

Suas terminologias de parentesco variam entre quatro tipos: Havaiano, Iroquês, Crow e Omaha. Note-se que os nomes de dois deles são tomados de etnônimos desta mesma área. A tabela abaixo indica os termos aplicados por alguém aos parentes da sua própria geração conforme esses diferentes tipos. Para algumas dessas posições genealógicas, o termo aplicado varia conforme o falante [Ego] seja do sexo masculino [Δ] ou feminino [\circ]. O tipo Havaiano está presente entre os cheyennes, arapahos, gros ventres, blackfoot e sarsis, que não têm organização clânica. O tipo Iroquês ocorre entre os sioux ou dakotas, crees e ojibwas (chippewas) das planícies. O tipo Crow, além dos próprios crow, está presente também entre os hidatsas, mandan, pawnees e talvez os arikaras; ele se ajusta à existência de grupos de descendência matrilinear. O tipo Omaha, coerente com a descendência patrilinear, se apresenta entre os falantes meridionais de línguas da família sioux, entre os quais se contam os omahas, e ainda os poncas, kansas, iowas, otos. Como se pode ver na tabela, nos tipos Crow e Omaha os primos cruzados são identificados terminologicamente com parentes de outras gerações. Mas a existência de clãs patrilineares ou matrilineares não conduz obrigatoriamente à adoção da terminologia Omaha ou Crow, respectivamente, pois as sociedades de terminologia Iroquesa também os possuem. A necessidade de mais cooperação entre os que se empenhavam em caçadas coletivas e incursões guerreiras seria a razão da extensão do termo “irmão” a todos os primos da mesma geração na organização dos povos da parte ocidental das Planícies. Os próprios sioux ou dakotas, que se deslocaram dos Grandes Lagos para as Planícies, tendiam a tratar todos os primos como se fossem irmãos, apesar de sua terminologia Iroquesa (Eggan, 1966, pp. 56-58, 61 e 67).

Tipos	primos cruzados patrilineares	primos paralelos patrilineares	irmãos	primos paralelos matrilineares	primos cruzados matrilineares
Havaiano	irmãos(ãs)				
Iroquês	primos(as)		irmãos(ãs)		primos(as)
Crow	pais e tias paternas		irmãos(ãs)		filhos(as) [Ego Δ] sobrinhos(as) [Ego \circ]
Omaha	sobrinhos(as) [Ego Δ] filhos(as) [Ego \circ]		irmãos(ãs)		tios maternos e mães

Lowie (1982, pp. 94 e 96) chama a atenção para certas semelhanças entre os siouanos (da família linguística sioux) meridionais das Planícies, inclusive os omahas, e os povos da área dos Grandes Lagos (winnebagos, sauk, fox, menominis e kickapoos). Aponta como similaridades certas características comuns entre seus clãs, como a posse de nomes pessoais dados a seus membros segundo a ordem de nascimento, a oposição no lacrosse (jogo semelhante ao hóquei) entre os clãs associados totemicamente a pássaros contra os associados a outros animais, as atribuições específicas de certos clãs, como a incumbência da chefia ao clã do Urso, a associação de uma das metades ao céu e outra à terra e a separação entre suas casas por uma linha NW/SE, e ainda a

terminologia de tipo Omaha. Isso, segundo Lowie, indicaria que esses povos seriam emigrados dos Grandes Lagos e, poderíamos acrescentar, as transferências a que os obrigaram os brancos no século XIX seguiram a mesma direção.

Não obstante, Fred Eggan (1966, pp. 62-64) critica Lowie por ter subestimado as diferenças na organização social entre a parte oriental (as pradarias) e a ocidental das Planícies. Enquanto na parte ocidental havia a alternância sazonal entre a dispersão dos bandos e a reunião em um só acampamento tribal circular, em movimento sobre um território reclamado, nas pradarias a aldeia era uma referência mais central e estável, enquanto o acampamento circular somente se usava nas excursões de caça do verão. Na parte ocidental os bandos eram bilaterais e compósitos, apesar de terem uma posição fixa quando no acampamento circular. Nas pradarias a aldeia se baseava na organização de clãs e metades, com funções relacionadas ao todo tribal. Nas pradarias, além da caça, havia agricultura, tornando-se possível um excedente alimentar que podia ser trocado com as sociedades da parte ocidental, apenas caçadoras. Estas eram dirigidas por um conselho de chefes, de status fundamentado no sucesso das incursões guerreiras e habilidade de liderança. Nas aldeias das pradarias a chefia era mais frequentemente hereditária, ainda que líderes guerreiros fossem escolhidos pela sua habilidade, para atividades belicosas de caráter principalmente defensivo. Na parte ocidental a herança não era importante, a não ser quanto aos cavalos. Nas pradarias dava-se mais importância à continuidade entre gerações, inclusive quanto à terra e às possessões rituais, com atividades de interesse coletivo atribuídas a clãs e grupos domésticos. Na parte ocidental, os itens de interesse coletivo pertenciam à tribo e ficavam no mais das vezes a cargo de guardiões hereditários ou como atribuições de sodalícios. Enfim, Eggan relaciona essas diferenças às condições ecológicas de cada uma das duas partes das Planícies. Entretanto, a distinção entre uma e outra não era tão rígida assim, de modo que Eggan (pp. 64-70) se ocupa em explicar alguns casos, como o dos crow, que, apesar de estarem na ocidental, tinham clãs e uma terminologia de parentesco que não igualava todos os parentes da geração de ego. Eggan argumenta que os dados etnográficos crow mostrariam que eles estavam se modificando na mesma linha dos outros povos que haviam se deslocado para oeste. O mesmo aconteceria com os wichitas, pawnees e, apesar das poucas informações, arikaras. Já os comanches e shoshones, deslocados da Grande Bacia para as Planícies, portanto no sentido inverso, teriam passado por outras modificações sobre as quais Eggan não se demora.

Os sodalícios eram organizações com atribuições específicas, não baseadas no parentesco, de afiliação condicionada à satisfação de certos requisitos. Eram numerosos e atuavam sobretudo no verão, quando os bandos se reuniam em concentrações maiores. As mulheres também tinham suas organizações, ainda que em menor número. Assim, havia uma associação de solteiras e viúvas pawnees, vestidas com andrajos, que torturavam prisioneiros de guerra. Uma outra, de velhas kiowas que rezavam pelo bom sucesso de expedições guerreiras a pedido de seus líderes, sendo recompensadas no seu retorno. Havia as organizações oglalas (ramo dos dakotas) de expertas na confecção de coberturas de tipis ou nos bordados guarnecidos com espinhos de ouriço. No alto Missouri, a associação das Búfalas fazia ritos para atrair os bandos de bisões, enquanto a das Gansas, além deste mesmo objetivo, ainda os realizavam em prol da produtividade do milho (Lowie, 1982, pp. 96-97 e 104).

A algumas das organizações masculinas dos mandan, hidasta, blackfoot, arapaho, e gros ventres costuma-se atribuir o caráter de classes de idade. Mas Lowie (pp. 97-100) atenua essa afirmação, lembrando que, para substituir os velhos numa dessas

associações, era preciso que os jovens comprassem seus cânticos e danças e outros privilégios.

Os kiowa-apesches também mantinham sodalícios que sugeriam classes de idade. Tinham uma associação de crianças e jovens, de ambos os sexos, a dos Coelho. Suas reuniões bem como a sua Dança do Coelho contribuíam para a sua formação segundo os valores de seu povo. Os homens jovens eram instados a entrar na associação Manatidie. Uns poucos mais velhos formavam a associação Klintidie. E as mulheres ingressavam na associação Izuwe. Mas não seriam classes de idade porque, apesar de todas as crianças e jovens serem Coelhos, ao deixarem esta associação nem todos ingressavam nas demais. Além disso, era possível ser Klintidie sem nunca ter sido Manatidie, e até mesmo passar daquela para esta associação (McAllister, 1955, pp. 139-142 e 150-157.).

Entre os crow as associações Paus Pesados e Raposas disputavam o primeiro golpe sobre o inimigo. Disputa semelhante havia entre associações dakotas. Entre os cheyennes destacava-se a associação dos Cães. Além de constituir como que clubes onde seus membros descansavam, dormiam, comiam, dançavam, cantavam, a elas eram atribuídas certas tarefas, como exercer o papel de polícia nos momentos críticos da vida da comunidade. Tal tarefa às vezes competia a uma só associação, como a dos Bocas Negras dos mandan (Lowie, 1982, p. 101).

As associações de caráter militar não raro atribuíam ornamentos e outros adereços a membros especialmente escolhidos para se mostrarem ainda mais valorosos que os demais, como acontecia com os Touros ou os Cabeças Raspadas pela Metade dos mandan (pp. 101-102).

Havia associações de caráter intrigante, como a chamada Heyōka, dos oglala, ramo dos dakotas, cujos membros deviam dizer o oposto do que queriam e fazer o contrário do que lhes pediam (pp. 102-104). Segundo Hoebel (1960, pp. 96-97), entre os cheyennes os Contrários também se comportavam assim. Mas ele acrescenta que eram homens que elevavam o papel masculino de guerreiro a um exagero patológico. Seu símbolo era o Arco Trovão, um arco decorado com penas mágicas com uma ponta de lança numa das extremidades. Em combate, entretanto, era usado apenas para contar golpes e sua ponta não podia tocar a terra. O Contrário avançava contra os inimigos sozinho, flanqueando os companheiros. Quando segurava o Arco Trovão com a mão direita, não podia se retirar. Cortejava a morte com enorme atrevimento, mas seu Arco Trovão lhe dava grande sorte; era duro de matar. Por ter medo do trovão e do relâmpago, ocorria a um homem sonhar que devia se tornar um Contrário para curar sua ansiedade. Ganhava assim grande poder oriundo do Pássaro Trovão. Mas havia mais uma condição: ele tinha de comprar o Arco Trovão de alguém que já era um Contrário. Este, ao vendê-lo, tornava-se um homem comum, que podia se casar, o que era proibido ao Contrário, que nem mesmo podia sentar-se ou deitar numa cama. Impondo-se um difícil e temerário comportamento, os Contrários eram poucos, uns dois ou três. Ademais, se fossem numerosos, a própria reprodução social dos cheyennes se bloquearia. Na tentativa de uma interpretação psicológica dos Contrários, Hoebel os opõe aos Meio-homens-meio-mulheres. Estes rejeitavam o papel de guerreiro tornando-se travestis, assim recusando também a sexualidade masculina. Os Contrários faziam uma máscula rejeição da heterossexualidade. A associação Klintidie dos kiowa-apesches se assemelhava aos Contrários cheyennes no que tange a agir e ouvir às avessas e à temeridade em combate, mas deles se distanciava em outras características (Eggen, 1955, pp. 153-156).

Embora os índios das Planícies tirassem escalpos dos inimigos, este não era o motivo da guerra, que podia ser por vingança, procura de glória ou para roubar cavalos. Era considerado mais valoroso conseguir tocar o inimigo, com a mão ou com um bastão. Na maioria das vezes a ação de guerra não envolvia toda a comunidade, mas um pequeno bando que consentia em seguir um líder (Lowie, 1982, pp. 104-112). Sobre o escalpo e a contagem de créditos pelos golpes há um detalhado artigo de George Grinnell (1967).

Aspectos religiosos

Como em outras áreas da América do Norte, nas Planícies era importante a procura da visão do espírito de um animal protetor, para o que era necessário um esforço que envolvia jejuns, às vezes a mutilação de um dedo e outras privações. Além de direcionar seu protegido na vida, o espírito orientava-o quanto à iniciativa e participação nas expedições guerreiras e dirigia a escolha dos itens que deviam ser reunidos no seu “pacote medicinal”. Nem todos tinham sucesso na procura de uma visão, mas podiam recorrer a alguém que a havia logrado e receber instruções espirituais a troco de uma retribuição. Também o “pacote medicinal” era passível de ser negociado. O êxito na procura da visão era indispensável para a formação dos xamãs (Lowie, 1982, pp. 157-163).

Uma vez que cada indivíduo tinha um espírito protetor diferente, diversas eram as orientações espirituais e nem todos as concebiam como um sistema integrado. Mas os mesmos itens podiam estar organizados numa crença de caráter coletivo. Assim, as aldeias do ramo skidi dos pawnees tinham sacerdotes que conheciam os cânticos sagrados, sua sequência e o significado dos procedimentos rituais. Cada aldeia tinha um pacote sagrado, que era aberto na primeira trovoadas da primavera, devendo seu guardião fazer as oferendas conforme os ritos tradicionais. Cinco pacotes eram os mais importantes. Os sacerdotes associados a quatro deles assumiam, em rodízio, a responsabilidade do bem estar coletivo pelo período de um ano, sobretudo quanto à caçada de búfalos. Em caso de insucesso, o sacerdote de Vésper, associado ao quinto pacote, o mais eminente, substituíam o que havia fracassado. Os encargos do sacerdócio eram herdados por linha materna (p. 164). Ainda quanto aos pacotes que constituíam peças centrais de ritos, Lowie faz referência ao que continha um cachimbo sagrado dos arapaho, envolvido em várias peças de tecido, que nunca tocava o chão, guardado num tipi especial todo pintado. E ainda ao cachimbo dos blackfoot, cujo guardião e proprietário, bem como sua esposa, estavam sujeitos a inúmeros cuidados rituais. O seu pacote tinha de ser aberto na primeira trovoadas da primavera, ou a pedido de alguém que havia prometido ao Sol dançar com seu tubo, ou ainda quando era vendido a outro guardião. O cachimbo original tinha sido revelado pelo Trovão e o tubo por um urso em agradecimento pela ajuda da filha do agraciado (pp. 171-172).

Lowie também descreve o rito do tabaco, mantido por uma Sociedade do Tabaco e suas várias subdivisões entre os crow. O centro do rito era uma espécie, *Nicotiana multivalvis*, diferente da espécie que eles fumavam, *Nicotiana quadrivalvis*. Lowie chama a atenção para o caráter extremamente composto da cerimônia, sem que se possa identificar uma idéia central a que as várias atividades estivessem logicamente subordinadas (pp. 172-177).

A Dança do Sol (pp. 178-180) não tem distribuição unânime e nem se realizava de modo exatamente igual em todos os povos das Planícies. Não era realizada pelos

pawnees, wichitas, omahas e vários outros siouanos meridionais. De um modo geral era realizada uma vez por ano, no final da primavera ou começo do verão. Um dos momentos importantes do rito era a derrubada da árvore cujo tronco seria o mastro central, em torno do qual se armaria uma estrutura de madeira que lembraria um tipi. Uma área limpa guarnecida com crânios de búfalos fazia as vezes de um altar. Neste setor, os guerreiros dramatizavam suas façanhas militares. No que tange aos cheyennes, Hoebel (1960, p. 15) também aponta as relações sexuais do sacerdote diretor com a esposa do promotor do rito como mais um desses momentos.

Outro item importante era a auto-tortura a que se submetia um (ou mais) dos participantes, em alguns casos o próprio patrocinador do evento. Entre os cheyennes, aquele que desejava passar por essa prova pedia auxílio a um curandeiro, que lhe fazia dois furos acima de cada mamilo. Em cada par de furos, sob a pele, passava um espeto, em cujos extremos atava uma corda, que era amarrada à forquilha no alto do mastro central. O homem assim dançava toda a noite junto ao mastro. Pela manhã, se a pele ainda não tivesse se rasgado com seus movimentos, o curandeiro a cortava, liberando-o. Os espetos também podiam ser enfiados em outras partes do corpo, como na parte superior as bochechas. Ou então sobre as omoplatas, e às cordas a eles ligadas se amarravam crânios de bisão, que eram assim arrastados pelo acampamento. Os motivos que levavam alguém a se sacrificar desse modo eram ajudar na cura de um parente, evitar o perigo na guerra ou para atender à sugestão de um sonho (Hoebel, 1960, p. 16). Por causa dessa tortura, o rito foi proibido pelo governo norte-americano em 1904. Em 1935, porém, torna a ser liberado, agora realizado com modificações, entre as quais certamente estava a omissão da tortura.

Referindo-se aos cheyennes e arapahos dos anos 1930, Eggan (1955, p. 88) admite que a Dança do Sol era então o fator que impedia sua completa desintegração. Estimulados por ela, os cheyennes tentavam reviver o conselho dos chefes e aumentar o número de membros das associações guerreiras (p. 88, nota 105). A realização da Dança do Sol entre os kiowas é examinada num artigo de Leslie Spier (1967).

Religiões recentes

Dança dos Espíritos. Em 1870 um paviotso, do estado de Nevada, portanto na área da Grande Bacia, desenvolveu uma nova crença segundo a qual os índios falecidos retornariam, e o antigo modo de vida baseado na caça de animais, que já se tornavam escassos, seria restabelecido. Em 1888, Wovoka, um parente mais novo desse líder religioso, reforçou sua mensagem, ensinando uma dança destinada a estimular o retorno dos mortos. Sua pregação repelia a violência e recomendava a paz com os brancos. Combinava sua mensagem com idéias cristãs e por vezes chegou a considerar-se Cristo em retorno à terra para rejuvenescê-la. A dança combinada a essa nova crença veio a ser conhecida como Dança dos Espíritos (Ghost Dance).

É com a mensagem de Wovoka que a Dança dos Espíritos ganha receptividade nas Planícies. Nessa época, o desaparecimento dos bisões e os desentendimentos com os funcionários do governo norte-americano criavam o clima propício a essa receptividade. Por outro lado, os novos meios de transporte e comunicação introduzidos pelos brancos facilitavam as visitas dos índios das Planícies ao profeta da Grande Bacia. Ao recebê-la, porém, remodelaram a crença e substituíram seu pacifismo pela hostilidade aos brancos, que deveriam ser exterminados, e o modo de vida que haviam introduzido, abolido. Em suas grandes reuniões revivalistas, homens e mulheres entravam em transe, e tinham

visões de parentes falecidos e grandes rebanhos de bisões. Entre os dakotas inventou-se uma camisa decorada com símbolos que se acreditava ser à prova de balas. A morte do teton dakota Touro Sentado e a batalha de Wounded Knee estão relacionadas a esse movimento.

É bem provável que essa informação tomada do sucinto livro sobre os índios das Planícies de Robert Lowie (1982, pp. 180-181) derive do trabalho clássico sobre a Dança dos Espíritos escrito por James Mooney (1965) em 1896, quando esse movimento religioso ainda não tinha dez anos de duração, fundamentado em dados colhidos pessoalmente em 15 ou mais povos indígenas, inclusive entre os dakotas, após o combate de Wounded Knee. É de Mooney a observação de que o movimento religioso não teria se difundido tanto e teria durado menos, não fosse a ajuda de vários índios instruídos em escolas do governo do leste do país, que serviam de intérpretes nas delegações enviadas ao profeta, faziam a correspondência para seus amigos, e até chegavam assumir e dirigir a dança. O funcionário do correio da reserva de Pine Ridge, no estado de Dakota do Sul, era um sioux, com instrução escolar, que conhecia o movimento da correspondência referente à Dança dos Espíritos, até mesmo porque os destinatários analfabetos lhe pediam para ler as cartas (pp. 63-64). Vale acrescentar que o movimento tinha o apoio dos novos meios de transporte introduzidos pelos brancos, pois houve delegações indígenas de diferentes pontos do país que usaram em parte de seu percurso até as ferrovias. Ele também aponta certas características especiais que tomou o movimento entre os dakotas, como o uso das “ghost shirts” (camisas do espírito), apresentando fotos de duas recolhidas no campo de batalha de Wounded Knee (fig. 3, p. 32). Outra característica dakota era preceder a dança com jejum e o uso da casa de suar (pp. 66-68). No seu capítulo sobre os cânticos desse culto, apresenta a letra de 26 dos dakotas, com sua tradução para o inglês (pp. 296-310). William Powers (1993) explica a letra de cada um desses cânticos e chama a atenção para as peculiaridades culturais dakota (mais especificamente lakota, teton) que os distinguem.

Culto do Peiote. Uma outra religião que se expandiu pelas Planícies foi a do Peiote. O peiote só cresce ao sul da fronteira entre Estados Unidos e México. É um pequeno cacto sem espinhos em forma de cenoura que tem somente o topo visível acima do chão. Esse topo é cortado e posto a secar para formar o “botão”. Contém nove alcalóides narcóticos e produz alucinações visuais e outros efeitos fisiológicos, inclusive a dilatação das pupilas. A alegria é seu primeiro efeito, seguida de depressão, náusea, insônia e finalmente brilhantes visões coloridas que duram várias horas.

O conhecimento do peiote se expandiu para o norte a partir do México, onde se tem notícia de seu uso desde o século XVI. Os coras (da área do Sudoeste) já faziam seu ritual em 1754. Nas Planícies alcançou os kiowas (na latitude do “cabo de caçarola” de Oklahoma) pouco antes de 1870. Seu complexo ritual e religioso mudou um pouco nesse deslocamento. No México, seu rito sazonal tinha finalidades curativas, sucesso na guerra, no crescimento do milho e na caçada de veado; o rito tinha muita dança e dele participavam tanto homens como mulheres. Nas Planícies, perdeu sua importância como rito de cura; para a guerra só foi usado no início (talvez devido ao desaparecimento das atividades guerreiras após a submissão aos brancos); não era acompanhado de danças; seus adeptos formavam uma organização, da qual se excluía as mulheres; e o rito não era sazonal, podendo ser realizado em qualquer ocasião. Se no México o culto era ao ar livre, com uso do fumo e com corridas rituais e jogos de bola, nada disso se fazia nas Planícies, onde a reunião tinha lugar num tipi. Semelhanças porém se mantiveram entre as duas áreas: a coleta do peiote numa viagem cerimonial, as sessões noturnas seguidas

do quebra-jejum matinal com pipoca, água adoçada e carne sem osso. Em cada povo das Planícies em cujo seio o Peiote se difundiu, seu culto sofreu alguma adaptação, sem dizer de alguma influência do Cristianismo. Vale ainda lembrar que, não sendo nativo das Planícies, o cacto tinha de ser adquirido mais ao sul (Lowie, 1982, pp. 181-183).

Relações intertribais

Os cheyennes, arapahos, gros ventres, blackfoots, bem como as partes dos crees e ojibwas (chippewas) que viviam nas Planícies, eram oriundos do leste e nordeste (Grandes Lagos). Os comanches e shoshones eram originários do oeste, da Grande Bacia. Quanto aos kiowas, não se sabe traçar seu trajeto a partir de fora, mas linguisticamente eram da mesma família (kiowa-tano) dos pueblos tiwas, tewas e towas do Sudoeste (Eggan, 1966, p. 72). Os gros ventres e os arapahos eram resultado da cisão, ocorrida já nas Planícies, de um mesmo povo (Eggan, 1955, p. 36). Os kiowas-apaches eram um povo autônomo que no verão ia juntar-se ao acampamento dos kiowas, como se fossem um de seus bandos. Os dois povos não tinham nem mesmo a língua em comum, pois os primeiros eram da família atapasca, e os segundos, da kiowa-tano (Eggan, 1966, p. 69 e McAllister, 1955, p. 100).

Os cheyennes mantinham relações amistosas com os arapahos e com os povos agricultores do alto Missouri, os mandan, hidatsa e arikara. Inimigos dos comanches e kiowas, com eles fizeram a paz em 1840. Os crows, pawnees, shoshones e utes eram seus inimigos. E também aqueles que os norte-americanos tinham transferido para as Planícies, como os sac, fox e delawares. Em 1853 foram derrotados pelos pawnees e delawares e, no ano seguinte, pelos sac e fox (Hoebel, 1960, pp. 47-48 e 69).

Os mandan e arikaras foram dizimados por uma epidemia de varíola no começo do século XIX, e seus sobreviventes viviam por volta de 1862 numa única aldeia (Eggan, 1966, p. 73).

Os sioux ou dakotas, também oriundos do leste, dividiam-se em vários ramos e muitos sub-ramos. Não sei se nos dias de hoje a profusão desses últimos ainda se mantém. Orientando-me pelo mapa do livro *Indians of the Plains*, de Robert Lowie (1982, p. 8), fiz o quadro abaixo, limitando-me aos ramos mais abrangentes e indicando sua posição geográfica aproximada. Raymond DeMallie, no seu prefácio ao livro de Lowie, discorda da denominação “nakota” aplicada aos yankton. Embora no dialeto central o “d” seja substituído pelo “n”, isso não acontece com o nome “dakota”; são os assiniboin que se denominam de “nakota” (eu tenho visto também a forma “nakoda”). É importante alertar que, apesar de sinônimos, dependendo do contexto em que são utilizados, os termos dakota e sioux têm diferentes níveis de abrangência. Dakota é o nome do grupo étnico e também de um ou dois subgrupos. Já o termo sioux, ou melhor, seu derivado “siouan” (siouana), foi escolhido para denominar uma família linguística que abrange mais do que a língua dos próprios sioux, sem dizer do tronco “macro-siouan” (macro-siouano), não reconhecido unanimemente pelos linguistas, ainda mais abrangente.

Dakota ou Sioux	Santee ou Dakota	No estado de Minnesota, a oeste do rio Mississippi, ultrapassando um pouco a fronteira com os estados de Dakota do Norte e do Sul.
	Yankton (ou Nakota?)	Nos estados de Dakota do Sul e do Norte, a leste do rio Missouri.
	Teton ou Lakota	Nos estados de Dakota do Sul e do Norte, a oeste do rio Missouri.
	Assiniboin ou Nakoda	Entre os Estados Unidos (estados de Dakota do Norte e Montana) e o Canadá (província de Saskatchewan).

O comportamento guerreiro dos dakotas

O lugar da guerra na cultura dos dakotas, ou melhor, dos santees, o mais oriental de seus três ramos, foi abordado em um artigo de Ruth Landes (1959), entre os quais ela realizou a pesquisa. Os dakotas santees vivem no oeste e sul de Minnesota, deslocados desde o norte desse estado e do norte de Wisconsin nos confrontos com os ojibwas. Segundo Ruth Landes, as hostilidades com os ojibwas já ocorriam anteriormente à chegada dos europeus. Mas, quando os ojibwas entraram na rede de comércio de peles valiosas, no século XVII, obtendo dos franceses armas de fogo, passaram a usá-las contra os dakotas, desfazendo o equilíbrio de forças e empurrando-os para oeste. E deslocando os santees, também fizeram com que se deslocassem outros dois ramos dakotas que estavam mais para oeste, os yanktons e tetons, em direção às Planícies. Esse movimento só foi interrompido, ou melhor, alterado, com a entrada em cena das tropas norte-americanas, no século XIX. Houve um levante dakota em 1862, cuja repressão resultou na expulsão dos santees do estado de Minnesota e no enforcamento de 30 deles. Foram removidos para reservas nos estados de Dakota do Norte, Dakota do Sul e Nebraska. Mas eles venderam suas terras e a geração seguinte ficou empobrecida. Um missionário episcopal comprou terras para eles ao longo do Mississippi, nas quais algumas famílias se estabeleceram. Ruth Landes aí os visitou em 1935, nas vizinhanças do conglomerado urbano constituído pelas cidades de Minneapolis e St. Paul. Eram cerca de 50 pessoas muito pobres, que já tinham voltado a perder suas terras por falta de pagamento das taxas. Seu artigo sobre a guerra se baseia na memória de umas poucas delas e em publicações e manuscritos antigos (pp. 43-44).

A guerra fascinava os santees e proporcionava aos participantes honras bem maiores que quaisquer outras habilidades que tivessem. Dela todos participavam, com exceção de alguns palhaços *heyoka* (categoria não descrita no artigo aqui focalizado), dos travestis, dos que escolhiam o suicídio e dos fragilizados pela idade ou pela falta de ânimo (p. 45). Não se esperava das mulheres que lutassem, mas algumas delas insistiam em participar, insinuando-se nas expedições guerreiras e, quando se portavam com galhardia, faziam jus às honras concedidas aos homens (pp. 46 e 51-52).

Assim como a cultura dos santees reconhecia um nicho para as mulheres que lutavam, também abria um para os homens que não desejavam fazê-lo, os quais, atendendo a uma ordem recebida em sonho, eram levados a se tornarem travestis e a desempenharem tarefas femininas. Havia, porém, aqueles homens que tentavam escapar da guerra, afastando-se da aldeia quando se recrutavam participantes para uma expedição e retornando depois da saída da mesma. Para estes não havia solução a não ser o suicídio ou o abandono da aldeia. Por vezes, quando velhos e fracos tolhiam a mobilidade do acampamento, homens jovens, provavelmente a polícia, com o consentimento do conselho da aldeia, davam-lhes arcos e flechas e os proclamavam inimigos. Atacavam-nos em seguida e os matavam (p. 46). Para fortalecerem sua

coragem, os santees comiam o coração de uma tartaruga do lodo, um órgão tão vigoroso que continuava a bater mesmo depois que o animal tinha sido desmembrado. O líder cortava o coração em quatro pedaços e os jovens os engoliam (p. 50).

A razão para combater era a admissão dogmática dos dakotas de que todas as suas guerras eram defensivas, uma vez que sempre motivadas por alguma morte que lhes fora imposta pelo inimigo. Fazia parte da idéia geral de que toda morte, por idade, doença, suicídio, assassinato, acidente, era uma perda e um insulto, e o enlutado se vingava matando e escalpando um inimigo, não raro um ojibwa, cuja alma acompanharia a de seu parente no outro mundo. Na dança da vitória, os aldeões tratavam o escalpo do inimigo e às vezes mesmo um prisioneiro, identificados ao santee morto, com a ternura a este dedicada (p. 45). Os prisioneiros eram bem tratados e até chegavam a ser libertados após as cerimônias (p. 52).

Também eram os sonhos e visões que estimulavam um líder a promover uma expedição guerreira, assim como sonhos e visões acompanhavam e guiavam o seu desenrolar. No assalto a uma aldeia ou acampamento inimigo não se atacava um número maior de tendas ou de pessoas que o estipulado em um sonho. O líder de guerra com uma certa frequência se retirava com seus seguidores mais maduros para uma choça de suar, com o fim de participar de uma comunhão visionária (p. 49). Até mesmo cânticos que os guerreiros entoavam nos momentos mais difíceis, na iminência da morte, referiam-se a fragmentos dessas experiências oníricas e visionárias. E foi assim cantando que os santees condenados ao enforcamento por sua participação no levante de 1862 subiram ao cadafalso (p. 47).

Contrabalançando o ardor dos líderes guerreiros e dos jovens desejosos de quanto antes acompanharem as expedições de guerra, havia instituições como a do chefe da paz e a da criança amada (beloved child). Nesse artigo não há descrição da segunda instituição, mas, quanto ao chefe da paz, dedicava-se à manutenção e pregação da paz interna e à supervisão de compensações por homicídios. Era preciso deter aqueles demasiado sequiosos de continuamente partir em expedições guerreiras. As mulheres que lutavam geralmente não sofriam dessa tendência e limitavam-se a participar de expedições quando tinham algum parente a vingar (pp. 47 e 51-52). Não está claro se os chefes da paz eram os mesmos chefes de aldeia. O chefe geral das sete a dez aldeias do Lago Místico (Moewkanton, um dos ramos dos santees), a que esse artigo especialmente se refere, todos os verões as percorria, pregando os ideais de paz (p. 48). Havia uma polícia constituída por homens experimentados na guerra e fortificados por visões (p. 49).

As honrarias de guerra eram graduadas segundo uma contagem de golpes. Quem primeiro tocava um inimigo atingido usava na cabeça uma pena de águia voltada para o alto; o segundo, uma pena voltada para baixo; o terceiro, uma veste especial. O herói guerreiro ganhava um cântico não transferível de um xamã, e cantava ao som de tambores tocados por homens a quem dera penas. Os bravos com grande número de golpes reconhecidos não estavam sujeitos a punições pela polícia (p. 50-51). Tinha direito às honrarias mesmo quem atingisse o inimigo inadvertidamente. Entretanto, nada recebia aquele que matasse um inimigo de má-fé, por exemplo, lançando-se contra uma visita ou um anfitrião, a despeito da vigência de uma trégua (p. 45).

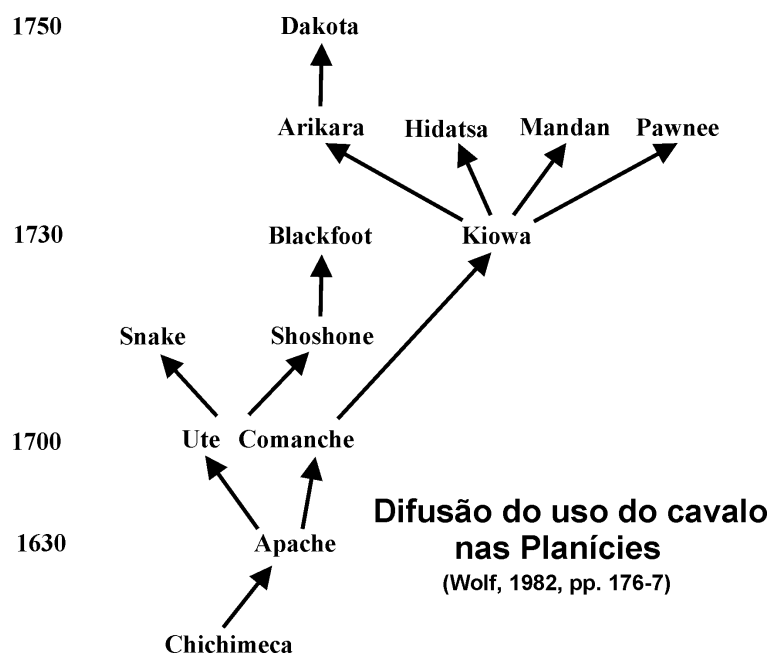
Apesar da distância geográfica e cultural, o comportamento ritual dos santees relativos aos inimigos evocam a identificação do matador com a vítima característica de certos povos indígenas do Brasil: o luto do líder pelo inimigo que matou (p. 50); a

encenação do bravo caído no chão a imitar o inimigo que abateu, enquanto os outros aldeões que já tinham matado inimigos dançam em torno dele (p. 51); a identificação do escalpo ou do prisioneiro com um santee morto e o terno tratamento que lhes dão os aldeões (p. 45).

No que tange à guerra e a tudo a que ela se refere, os santees eram bem semelhantes aos crows, que vivem mais a oeste, em tributários do alto Missouri. Fred Voget (1964) toma a guerra como foco primário de integração da cultura crow, mostrando como ela permeia seu sistema de status e prestígio, as relações entre homens e mulheres, a socialização de crianças e jovens, o controle social, a organização política, os ritos e crenças.

O cavalo, as armas de fogo, o bisão e o comércio de peles

Ganha-se mais compreensão das relações intertribais se forem consideradas a expansão do uso do cavalo, das armas de fogo e a comercialização pelos indígenas dos resultados da caça do bisão, como faz Eric Wolf (1982, pp. 176-181). Com base na sua breve apresentação da difusão do cavalo entre os indígenas das Planícies, de sul para norte, até alcançar os dakotas ou sioux, que são os primeiros a terem tanto a montaria como as armas de fogo conseguidas dos franceses, fiz o gráfico abaixo. Ainda antes de conseguirem cavalos, os dakotas podiam enfrentar os crees, assiniboins e ojobwas, municidados pelos ingleses, deslocavam os cheyennes e ainda faziam incursões sobre os horticultores do Missouri para fazer escravos a serem vendidos aos europeus. Depois de obterem cavalos com os arikaras, eles se tornam, por volta de 1775, os senhores do norte das Planícies. Superam a intermediação dos mandan ao estabelecerem relações diretas com os comerciantes europeus de St. Louis, logo abaixo da confluência do Missouri com o Mississippi; isolam os kiowas dos arikaras e os crows dos mandan. De modo semelhante, os blackfoot, mais ao norte, também combinam uso do cavalo com armas de fogo, superando seus competidores snakes, kutenais e flat-head, que não tinham acesso a estas.



A caça ao búfalo também permitiu aos índios das Planícies fornecer alimento aos que trabalhavam no comércio de peles, que na segunda metade do século XVIII já alcançava a bacia do Mackenzie. Era o pemmican, constituído de carne de bisão cortada em fatias secas ao sol ou ao fogo, pisadas com o malho, misturadas com gordura derretida, tutano e uma pasta de frutos secos chamados chokecherries (*Prunus demissa*). O pemmican era remetido para áreas tanto a leste, como ao norte (rio Churchill), e ainda para o oeste (rios Columbia, Fraser). Cada sacola de couro cheia de pemmican pesava cerca de 90 libras (40kg). Considerando que um indivíduo envolvido nas atividades do comércio de peles consumia cerca de 1,5 libras de pemmican por dia, uma dessas sacolas podia alimentá-lo por 60 dias. Em St. Louis se vendiam línguas e sebo de bisão. Como a pele de castor estava em declínio, as vestes de couro de bisão eram o artigo principal do comércio. Entre 1841 e 1870, vinte mil dessas vestes foram levadas ao Forte Brenton, nas terras dos blackfoot. Também cavalos eram fornecidos pelos índios para os lugares que estavam além do alcance das canoas, como o Forte Edmonton.

A submissão dos índios das Planícies: exemplo dakota

Em 1868 o governo norte-americano iniciou o programa de trazer todas as tribos das Planícies para seu controle direto. Os sioux (dakota) controlavam então uma vasta área, entre o Minnesota e as montanhas Rochosas e entre dois afluentes do Missouri, o Yellowstone e o Platte. Por intermédio de um tratado com os Estados Unidos, aceitaram ficar numa reserva que correspondia à área de todo o atual estado de Dakota do Sul a oeste do rio Missosuri. Em compensação receberiam anuidades e rações, vacas, médicos, fazendeiros [orientadores agrícolas?] e professores. A atividade de caça lhes seria permitida para além dos limites da reserva, enquanto abundasse o búfalo.

Entretanto, a construção de estradas de ferro pelas Planícies facilitou a entrada de enorme número de caçadores e imigrantes que exterminavam rapidamente o bisão, o sustentáculo da vida dos índios dessa região. A situação se agravou com a descoberta de ouro nas Black Hills (Montanhas Negras), no sudoeste do atual estado de Dakota do Sul, ou seja, dentro da reserva. Milhares de mineradores e foras da lei invadiram a reserva, sem se importarem com as relamações dos índios e alertas do governo, e os dakotas assim viram se esgotar seus recursos de caça. Toda essa situação resultou no confronto dos dakotas com as tropas de Custer (junto ao rio Little Big Horn, que corre para o Big Horn, tributário do Yellowstone, afluente do Missouri, ou seja, dentro da reserva dos índios crows, no estado de Montana), em 1876, com o completo aniquilamento destas. Como consequência os dakotas foram destituídos de um terço de sua reserva, inclusive Black Hills.

Mas não era tudo. A crescente população não-índia de Black Hills ensejou a construção de uma ferrovia, o que, depois de muita negociação, resultou na redução da reserva indígena à metade de sua área restante, e dividida em cinco, as do norte separadas das do sul por uma faixa de 60 milhas (96 km).

Sem caça, obrigados a se voltarem para a criação de animais e ao plantio numa terra imprópria para a agricultura, tiveram ainda uma forte redução nas rações de carne que lhes tinham sido garantidas por tratado. Essa redução e mais a falha do Congresso em fazer o pagamento em dinheiro das terras que tinham cedido resultaram em fome e doenças e num sério estado de decepção e insatisfação. O confronto subsequente se

deveu a essas causas e não tanto à Dança dos Espíritos, que foi também estimulada por elas.

Esse é um resumo da exposição das causas do levante dakota conforme James Mooney (1965, pp. 69-73), que em seguida, no capítulo V, faz uma exposição detalhada dos acontecimentos que vão conduzindo ao infeliz desfecho do final do ano de 1890: a morte do xamã e líder Touro Sentado, ao se tentar prendê-lo, e, duas semanas depois, o massacre de Wounded Knee (nome de um afluente do rio White, tributário do Missouri, na reserva de Pine Ridge, no sudeste do estado de Dakota do Sul). Apesar do alto grau de insatisfação, nem todos os dakotas estavam dispostos a sublevar-se. A chegada das tropas militares gerou muita inquietação. Mesmo assim, um paciente trabalho diplomático estava pouco a pouco fazendo com que os grupos mais exaltados fossem desistindo de uma ação pelas armas. Havia até um corpo de policiais dakotas muito leal ao governo. Foi na tentativa de desarmar um dos grupos não de todo unânime em se entregar que o choque se precipitou. Pior ainda, mesmo depois de se sobrepor aos guerreiros indígenas, os soldados continuaram, perseguindo e matando mulheres e crianças.

Distribuição dos povos indígenas na área nos dias de hoje

Geralmente, quando se faz um panorama dos povos indígenas das Planícies, retrata-se a sua situação no século XIX. Entretanto, atualmente, sua distribuição parece permitir considerar quatro setores nas Planícies.

O setor mais ao norte compreenderia as bacias dos rios do sul do Canadá que correm para o lago Winnipeg, como o Saskatchewan, e a bacia do curso superior do rio Missouri, nos Estados Unidos. Nele os povos indígenas estariam situados aproximadamente nas mesmas terras em que foram encontrados no século XIX, embora extremamente reduzidas. Aí estão os sarsis, blackfoot, crees e ojibwas das Planícies, assiniboin, mandan, arikaras, gros ventre, crow, cheyennes, arapahos, e os diferentes ramos dos sioux ou dakotas.

Um outro setor da atual área das Planícies estaria a oeste do curso médio do Missouri, ao norte e ao sul do rio Platte, seu afluente da margem direita. Embora aí estejam os poncas e os omahas, há muito estabelecidos nas Planícies, outros há que são povos da região dos Grandes Lagos, obrigados pelo governo norte-americano a se transferirem para a margem ocidental do Mississipi. Estão, pois, aí representantes dos winnebagos, iowas, kickapoos, fox e potawatomis. Destes dois últimos povos nas Planícies, ou melhor, na sua banda mais oriental conhecida como as pradarias, ofereço mais abaixo alguma informação.

O terceiro setor corresponde ao antigo e atualmente extinto Território Indígena, que cedeu lugar ao estado de Oklahoma. Para aí foram obrigadas a se transferir as “cinco tribos civilizadas” (cherokee, choctaw, chickasaw, creek e seminole) do Sudeste, na primeira parte do século XIX, e posteriormente outros povos indígenas dos Grandes Lagos e das próprias Planícies. Hoje um grande número etnias indígenas estão aí representadas, sem reservas, vivendo no campo e nas cidades. Mais informações sobre essa área se encontram no capítulo seguinte.

O sul das Planícies

O quarto setor, o mais meridional das Planícies, seria o Texas e vizinhanças, cuja população indígena hoje não parece ser expressiva, apesar da presença dos kickapoos (no subtítulo abaixo). Por isso, o livro de Anderson (1999) surpreende ao retratar aí uma intensa movimentação indígena no período colonial. Apesar do título do livro — *The Indian Southwest, 1580-1830* — do Sudoeste o texto só bordeja os pueblos, sobretudo a localidade de Taos, no leste do Novo México, um ponto de encontro para comerciar. Os apaches, só os focaliza na sua ação dentro das Planícies. O cenário abrange a banda oriental da bacia do rio Grande (o Bravo del Norte dos mexicanos) e outros rios que correm para o golfo do México, como o Nueces, o Colorado, o Brazos, o Trinity, o Sabine (fronteira do Texas com Luisiânia). A norte e a leste poucas vezes ultrapassa o rio Red (na fronteira sul de Oklahoma e que corta a Luisiânia no seu baixo curso). Ao sul do rio Grande, por vezes a ação dos indígenas estudados chega até o deserto Bolsón de Mapimí, no México.

Certas zonas da região eram procuradas pelos bisões no inverno. Por outro lado, a alternância das estações podia ser transtornada por um período prolongado de seca, como ocorreu no início do século XVIII.

Conforme indica o subtítulo — *Ethnogenesis and Reinvention* — o alvo do livro é apresentar e analisar os sucessivos processos de fusão e reorganização por que passaram os grupos étnicos, seja ligados por redes de comércio, seja sujeitos por apresamento, ou ainda pela busca de refúgio no seio de um outro. Assim um novo complexo étnico se formou a partir da rede comercial dos jumanos. À medida que essa formação entra em colapso, uma boa parte da população indígena se reorganiza em pequenos grupos de cultura apache e economicamente baseados no roubo de reses e cavalos. No combate a suas incursões, a administração espanhola vê como seus possíveis aliados indígenas que estão mais ao norte, os norteños, isto é, comanches, wichitas e caddos. Encontros e desencontros conduzem a uma hegemonia comanche, baseada em grupos numerosos e centralizados.

Essas sucessivas reorganizações étnicas respondem a situações criadas pelos espanhóis, com suas missões religiosas, seus funcionários administrativos, suas milícias, seus comerciantes; pelos negociantes franceses da vizinha Luisiânia e pelos ingleses das colônias a leste do Mississipi, sucedidos pelos norte-americanos. Vale notar que, nos primeiros anos do século XIX, até mesmo cherokees e choctaws procuravam terras ou faziam negócios na região, ou seja, antes mesmo de sua transferência forçada para o Território Índio (Oklahoma). Além das perdas nos choques armados, a população indígena era ainda mais dizimada por surtos epidêmicos.

No comércio entre índios e não índios se trocavam cavalos, burros, couros de bisão e de veado, escravos índios, por armas de fogo, instrumentos de metal. Também se resgatavam prisioneiros. Muito desse comércio era interpretado como troca de presentes. Homens, mulheres e crianças da colônia espanhola também podiam estar entre os escravos e os prisioneiros, uma vez que muitos deles eram incorporados em diferentes níveis aos grupos indígenas que os apresavam, chegando alguns a ocupar posições importantes.

No final do primeiro quartel do século XIX a hegemonia comanche já tinha declinado. Comerciantes e de colonos norte-americanos exerciam crescente influência sobre a administração mexicana e eram preferidos aos índios nas concessões de terras,

como a prever a expulsão dos últimos do sul das Planícies. É abordando essa situação, que precede a anexação do Texas pelos Estados Unidos, que o livro se encerra.

O artigo de Stephen Williams (1964) aborda uma faixa de terra imediatamente a leste da focalizada pelo livro que acabei de comentar, ao longo do rio Red, na fronteira do Texas com o Arkansas e a Louisiana. Aí se estendia a Confederação Kadohadacho, constituída pelas tribos Kadohadacho, Petit Caddo, Natchitoches de Cima, Nasoni de Cima e Nanatsoho. Essa confederação teve relações com os franceses sediados em Nova Orleães; depois passou para o domínio espanhol, a partir de 1763; por breve período esteve outra vez em poder da França, que a passou para os Estados Unidos quando lhes vendeu a bacia do Mississipi em 1803. Em 1835, a Confederação Kadohadacho, debilitada pela diminuição da população devido a enfermidades e aos assaltos dos osages pelo norte, vendeu suas terras aos Estados Unidos. As tribos que a integravam formaram a nação caddo. O autor termina o artigo procurando identificar as terras da Confederação Kadohadacho e de outras que lhe eram vizinhas com diferentes fases arqueológicas.

A dispersão dos kickapoos (kikapús)

Elisabeth Mager Hois (2006) faz uma descrição das transferências forçadas dos kickapoos (ou kikapús, conforme os textos mexicanos) desde os Grandes Lagos, na fronteira Canadá–Estados Unidos) até o México (pp. 5-13). Ao chegarem os europeus, eles viviam entre os lagos Michigan e Erie. A primeira relação que os europeus estabeleceram com os índios da região foi a do comércio de peles. Na procura de castores, os iroqueses e sioux invadiram o território dos kickapoos. Por volta de 1650, estes pediram aos franceses, aos fox e aos mascouten que os ajudassem a defendê-lo. Kickapoos e franceses tomaram a ofensiva contra os iroqueses (1687-1697) conseguindo afastá-los. Esse sucesso coincidiu com o fim da guerra entre Luís XIV, da França contra William III da Inglaterra, que envolveu seus súditos, tanto brancos quanto índios, na América do Norte. Mas sua terra foi considerada como domínio francês. Então, entre 1727 e 1765, os kickapoos se deslocaram para o sul, para o que viriam a ser Indiana, Illinois e, do outro lado do Mississipi, Iowa. Nessa região participaram do grande levante de índios dirigido por Pontiac, pois os franceses ao final da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), tinham perdido todas as terras que controlavam na América do Norte, deixando abandonados seus aliados indígenas à mercê dos ingleses e dos colonos americanos. Apesar de vencida a grande aliança dirigida por Pontiac, os kickapoos continuaram na região, após a independência dos Estados Unidos, lutando contra os colonos que agora a invadiam. Mas, sem sucesso, pelos tratados de 1794 e 1819, tiveram de aceitar transferir-se para Missouri. E em 1832, segundo um novo tratado, trocaram o que tinham recebido no Missouri por um novo território no Kansas. A cada tratado que assinavam, iam sendo transferidos para territórios cada vez menores.

Porém, mesmo no Kansas a situação se tornou insustentável, com a construção de uma ferrovia sobre sua reserva, além de estrada, chegada de colonos e abate de búfalos. Uma parte permaneceu no Kansas em vida sedentária e agrícola, enquanto a outra procurou o Texas e logo depois Coahuila, no México. Foi em 1850 que entraram no México com índios seminoles, seminoles negros (escravos ou ex-escravos?) e mascogos. Depois de colocados num local que não lhes agradou pela falta de água, foi-lhes concedido um outro, em 1859, por Benito Juárez. A intenção do governo mexicano era tê-los como defesa da fronteira contra a comanches e apaches.

Em 1873, uma parte dos kickapoos que estavam no México retornou aos Estados Unidos. O texto de Elisabeth Mager Hois (p. 12) não é claro sobre o motivo, mas parece que foram à procura de mulheres de filhos raptados numa incursão, ocorrida no mesmo ano, conduzida por Mackenzie (um comandante militar, um colono?), que atravessou a fronteira do Texas para o México para atacá-los em represália a medidas agressivas que tinham tomado contra colonos americanos que invadiam suas terras. Foram para o Território Índio (futura Oklahoma), onde lhes foi concedida uma reserva em 1883. Mas oito anos depois essa reserva era dividida em lotes, recebendo cada kickapoo 80 acres, sendo o restante posto à venda.

Em 1942 os kickapoos do México perderam grande parte de sua colheita devido às contínuas secas. Passaram então a procurar os Estados Unidos para trabalhos temporários na colheita de frutas e hortaliças em vários estados (pp. 28-29). Ao atravessar a fronteira, abrigavam-se debaixo na ponte internacional de Eagle Pass, sob a qual fizeram choças de estilo tradicional. Nessas viagens também visitavam seus parentes de Oklahoma e do Kansas. Em 1983 conseguiram ser reconhecidos pelo governo norte-americano como Kickapoo Traditional Tribe of Texas, com os benefícios outorgados às demais tribos do país e o direito de adquirir terras federais no Texas. Em 1996 tiveram autorização para abrir um cassino em sua terra federal no Texas. Com os lucros do cassino, que tem frequentadores tanto dos Estados Unidos como do México, conseguiram comprar novos terrenos. O cassino também abriu oportunidade de trabalho para muitos deles, e estimulou-os à instrução escolar, até então por eles desprezada (pp. 32-35).

Enfim, atualmente os kickapoos vivem a 100 km ao norte de Topeka, Kansas; em Jones e Shawnee, Oklahoma; nas margens do rio Grande, a 30 km de Eagle Pass, e em outros terrenos, no Texas; e no município de Melchór Múzquez, Coahuila, México.

Organização social dos índios fox transferidos para as pradarias

Os fox são muitas vezes referidos juntamente com os sauk, por serem intimamente relacionados por língua e cultura, mas constituíam povos distintos. Em meados do século XVII, os franceses atestaram sua presença na área hoje correspondente ao estado de Wisconsin; viveram também em terras que viriam a ser os estados de Illinois e Iowa. Em 1832, os fox e os sauk, dirigidos pelo chefe Black Hawk (Ma-ka-tai-me-she-kiak), na batalha de Bad Axe River (ao sul de LaCrosse, em Wisconsin), foram massacrados pela milícia de Illinois, reforçada por tropas federais. Como resultado, eles perderam suas terras em Illinois e Iowa, e os winnebagos perderam as de Wisconsin. A repercussão dessa derrota fez com que os outros povos indígenas vizinhos também abandonassem a região. A *Encyclopaedia Britannica* (15ª edição, 1980, Micropaedia, vol. II, p. 61) tem dois pequeninos verbetes referentes ao conflito, mas muito informativos. Retiraram-se então para o lado ocidental do rio Mississipi. Em 1842 cederam suas antigas terras a troco de uma anuidade em dinheiro e de uma reserva no rio Missouri, onde é atualmente o estado do Kansas. Os sauk aí permaneceram até os anos 1870, quando a reserva foi trocada por outra em Oklahoma, para onde eles se transferiram. Os fox, pelo contrário, não satisfeitos com a reserva do Kansas e nem com a administração do governo, retornaram a Iowa nos anos 1850, onde compraram um lote de terra. Subsistiram com a agricultura. Mas o governo não os reconheceu e somente voltou a pagar as anuidades em 1866. Então puderam comprar mais terras, ampliando

sua reserva, perto de Tama (mais ou menos no centro do estado), e aumentando sua população (Tax, 1955, p. 241).

As terras que os fox (ou mesquakies) foram obrigados a abandonar eram florestais. Quando aí viviam, seu ciclo anual tinha duas fases. No verão, de abril a setembro, eles viviam em aldeias de casas oblongas, feitas de cortiça, e plantavam milho, feijão e abóboras, em roças cuidadas pelas mulheres, que também faziam esteiras e sacos de junco e cortiça, enquanto os homens saíam para caçar ou guerrear. No outono enterravam a maior parte do milho, para usá-lo após o inverno. Depois saíam para caçar nomadicamente até que o frio intenso se instalava. Reuniam-se então em grandes acampamentos de casas redondas, construídos com longos esteios fincados em círculo e juntados no topo, cobertos com esteiras. As guerras ou eram de interesse e participação de todo o povo ou feitas por pequenos grupos, por motivo de vingança e glória. As mulheres recebiam os guerreiros de volta com uma dança do escalpo. Tinham duas grande divisões, que disputavam entre si nas guerras e se opunham nos jogos e em certas cerimônias. Tinham também clãs patrilineares, a um dos quais, o do Urso, pertencia o chefe hereditário dos fox (pp. 241-242).

A primeira publicação do artigo de Sol Tax é de 1937. Diz ele que a reserva de Iowa tinha formato irregular, tendo 5 milhas (8,046 km) no seu maior comprimento e 3 milhas (4,828 km) na maior largura. Habitavam-na 400 fox e alguns winnebagos. Cada casa de família tinha celeiro, bomba d'água, campo de milho. Podia ser complementada por uma construção que lembrava o abrigo de inverno, coberto de esteira, porém com mais frequência o era por uma reminiscência do abrigo de verão: uma plataforma, sem paredes, onde se comia e dormia na estação quente. Numa colina, havia um espaço circular de dança, pertencente à Sociedade do Tambor. Perto da estrada, havia campo para realização de *powwow*, destinado à apreciação de visitantes e à produção de algum rendimento para os índios. A terra, de propriedade coletiva, pagava taxas ao estado de Iowa. Os bens individuais, como roupas, instrumentos, animais, não eram herdados, sendo distribuídos entre os assistentes do funeral, com exceção dos cavalos, que ficavam com a família, e os cachorros, que ficavam com o substituto cerimonialmente adotado (referido a seguir). Na falta do antigo chefe e do conselho tribal, os crimes maiores eram levados ao tribunal de justiça, ficando as faltas menores sob o controle da opinião pública. A antiga Sociedade de Medicina (Midéwiwin?) tinha desaparecido, mas haviam surgido a Sociedade do Tambor e o Culto do Peiote (pp. 245-247).

Sol Tax descreve a terminologia de parentesco fox, que é de tipo Omaha, isto é, aquela em que os homens descendentes do irmão da mãe em linha masculina são chamados igualmente de irmão da mãe, e suas irmãs, de irmã da mãe. Por outro lado, os primos cruzados patrilaterais são chamados de sobrinho e sobrinha por ego masculino e de filha e filha por ego feminino (pp. 247-258). É como que o inverso do tipo Crow.

Era frequente a adoção de crianças por parentes, por breve ou longo período. Neste caso, os adotantes tinham formalizá-la legalmente, de modo a fazer jus às anuidades da criança proporcionadas pelo governo norte-americano. Uma outra forma de adoção poderia ser mais adequadamente chamada de substituição: todo indivíduo falecido era substituído por alguém do mesmo sexo e mais ou menos de sua idade, mas que não fosse seu parente consanguíneo. O substituto assumia as mesmas relações e comportamento de parentesco do falecido para com a família, sem morar com ela. Mas não perante o seu clã. Dentre as uniões maritais realizadas indevidamente entre parentes

consanguíneos, a mais reprovada era a de um homem que se casara com a substituta de sua filha. Quando um homem e uma mulher de diferentes facções se casavam, um dos cônjuges passava para a facção do outro, para evitar que a rivalidade política dividisse a família. Havia então 71 grupos domésticos, cada qual constituído de uma só família elementar mais um ou outro agregado; somente um deles abrangia duas famílias elementares (pp. 260-262 e 276-277).

Os clãs não eram exogâmicos e estavam mais relacionados à composição de diferentes associações religiosas. Os nomes pessoais que lhes pertenciam não passavam exclusivamente por linha masculina. A condensação do artigo torna um tanto obscura a discussão da distinção e articulação entre “major packs” e “minor packs” (pp. 262-268).

Distribuíam-se em metades cuja regra de afiliação era *sui generis*: o primeiro filho ou filha era incluído na metade oposta à do pai; o segundo, na metade do pai; o terceiro, na oposta; e assim sucessiva e alternativamente. Tais metades, outrora vigorantes nas atividades de guerra, mantinham-se, na época da elaboração do artigo em consulta, apenas nos jogos (pp. 268-269).

Havia também duas facções políticas cuja origem era atribuída à divergência entre os fox quanto à aceitação da modificação, introduzida em 1876 pelo governo norte-americano, na maneira de arrolar os que recebiam anuidades: antes a lista era por chefes de família e a partir daí incluiria também os filhos, com nomes e idade. Embora todos tenham acabado por assinar o acordo, os que o fizeram primeiro se tornaram a facção progressista. Em 1881, por ser o herdeiro da chefia muito jovem e tímido, assumiu-a um homem de uma outra família, mas também do clã Urso. Ao lado deste ficaram os progressistas, uma oposição que se reforçou numa outra questão de anuidades posterior. Os conservadores então se opunham a escolas, fazendas, polícia, estradas. O autor supõe que possivelmente essas facções remontassem a um tempo mais antigo e que essas divergências apenas acompanharam uma clivagem já existente. Os membros da Sociedade do Tambor tendiam a apoiar a facção progressista e os do Culto do Peiote, a conservadora (pp. 269-230).

Os casamentos costumavam ser formalizados perante a lei norte-americana, mas não os divórcios, devido aos custos. O segundo matrimônio não era nem mesmo formalizado com a troca de presentes. A incompatibilidade era a causa do divórcio. Pequenas faltas e mesmo a infidelidade, se não se tornasse pública, não conduziam à separação. Os filhos costumavam ficar com a mãe. No passado houve poliginia, preferivelmente sororal. Na reserva de Iowa, a esposa não raro era sucedida por sua irmã num casamento seguinte. Entretanto, o levirato era muito mais comum que o sororato. No passado, para assegurar a permanência de um genro que lhes agradava, os sogros punham uma menina, filha do filho, para dormir perto de sua tia paterna e do marido dela, e viver junto com o casal. Quando a menina crescia, ela se tornava uma segunda esposa do genro (pp. 271-274). Note-se que o casamento com o marido da tia paterna é plenamente coerente com a terminologia Omaha do parentesco fox (p. 278 e 280).

Facções potawatomis nas pradarias

Tal como entre os fox, as recentes facções potawatomis se formaram motivadas pelos ajustes com o governo norte-americano. Um artigo de James Clifton (1970) examina os motivos e acontecimentos que ao longo do tempo alimentam a oposição

entre elas. O United Band of Chippewa, Ottawa and Potawatomi (composto predominantemente de potawatomis da área de Chicago, com uns poucos ottawas e chippewas – p. 209, nota 5) foi transferido da área de Chicago para o Platte Purchase no Missouri. Mas, em 1837, foi mais uma vez transferido para uma reserva próxima de onde é hoje Council Bluffs, em Iowa. Na mesma época, um outro grupo de potawatomis oriundos de Indiana e Michigan, chamado Mission Band, foi transferido para uma reserva no rio Osage, no Kansas. Onze anos depois, os dois bandos foram persuadidos pelos funcionários norte-americanos a deixarem suas reservas para se juntarem numa só, no rio Kaw, no estado do Kansas (p. 188).

A política de expulsão dos índios do leste dos Estados Unidos para o outro lado do rio Mississippi também continha a orientação de concentrar numa mesma reserva ramos de um mesmo povo ou até povos distintos de culturas e línguas semelhantes, ainda que não desejassem assim conviver. Foi o que aconteceu com os potawatomis. O United (ou Bluffs ou Prairie) Band era muito conservador e resistente à adoção do modo de vida dos brancos, e mais propenso a voltar-se para as caçadas de búfalos e técnicas de guerra das Planícies. O Mission Band já tinha alguma alfabetização, conhecimentos de técnicas agrícolas e um crescente número de membros cristianizados. A situação complicou-se mais com a Guerra da Secessão, com a busca de terras pelos colonos e com os empreendimentos ferroviários. Assim, a tentativa de fusão chegou ao fim em 1861, quando os membros do Mission Band submeteram-se à pressão do governo em dividir a reserva em lotes individuais. Eles receberam os lotes, mas o Prairie (United ou Bluffs) Band, apoiado por uns poucos membros do outro bando, recusou-se a aceitar o programa, conseguindo reter para si, sem dividir, uma pequena parte da reserva, de 11 milhas quadradas (cerca de 2.848 hectares). Embora incentivada como um recurso para civilizar os índios, a divisão em lotes era um meio de facilitar a liberação de terras a serem ocupadas pelos brancos. Assim, o restante da reserva foi cedido ou vendido pelo governo aos colonos. Os membros do Mission Band acabaram perdendo, ou vendendo, seus lotes, mas conseguiram adquirir uma reserva em Oklahoma, passando a serem conhecidos como Citizens Band, uma vez que, ao optarem pelo loteamento, tinham escolhido portar-se como cidadãos dos Estados Unidos. Alguns deles, porém, foram juntar-se ao Prairie Band, naquela parte da reserva que este conseguira manter não loteada (pp. 189-190 e 210, notas 6 e 7).

A partir de então o Prairie Band se manteve conservador, e aqueles de seus membros que se sentiam atraídos pelo modo de vida dos brancos eram estimulados a deixar a reserva, o que só foi possível enquanto era relativamente fácil conseguir terras fora. Entretanto, ao passar a vigorar o Daves Allotment Act, em 1887, o agente indigenista começou a forçá-los de todos os modos a aceitar o loteamento da reserva, não faltando ameaças e prisão de líderes. Eles resistiram até a virada do século, quando o agente usou o estratagemas de oferecer dois lotes a cada chefe de família que aceitasse um. A proposta foi aceita por aqueles membros que divergiam do núcleo mais conservador do bando, mas também por indivíduos de outros povos indígenas ou mesmo brancos que alegavam ascendência indígena ou terem sido adotados pelo bando. Os mais conservadores, percebendo que iam ficar sem nada, acabaram aceitando a contragosto o loteamento. A presença desses indivíduos de ascendência potawatomi discutível ou claramente sem ela trouxe mais um motivo de conflito ao seio do Prairie Band (pp. 190-192).

Depois desse loteamento forçado, ocorreram a mecanização da agricultura no Kansas, a industrialização das vizinhanças de Topeka, cidade ao sul da reserva, a

Primeira Guerra Mundial, o boom econômico dos anos 1920 e a depressão dos anos 1930. Na reserva, vários dissidentes se casavam fora, ou retiravam-se, vendendo ou arrendando seus lotes. A partir de 1920, a reserva se tornou atrativa para aqueles que até então se retiravam dela, formando-se assim um grupo de fazendeiros bem sucedidos, cristianizados e propensos a cultivar boas relações com o Office of Indian Affairs e seu agente local. Eles é que geralmente eram indicados para o Tribal Advisory Board, cujas atribuições quase que consistiam em validar as decisões da agência indigenista, comunicá-las aos membros do bando, e relatar àquela as reações destes. Mas o bando era mesmo controlado pelos conservadores e nativistas, como mostrava a frequência e a extensão da participação na Dança do Sonho, a religião do Peiote, as cerimônias clânicas e as práticas xamânicas (pp. 192-193).

No começo dos anos 1930, os conservadores organizaram-se num movimento de reforma e conseguiram adotar a Constituição Baldwin, assim chamada em referência aos bons ofícios do Superintendente Baldwin, do Haskell Institute, que estabeleceu um Business Committee mais viável e representativo, com membros eleitos. Cultivaram uma oposição implacável à agência indigenista, e uma série de disputas começaram a permear os diferentes aspectos da vida comunitária. Foi então, em 1932, que um grupo de conservadores, que estavam batendo tambor numa feira em Topeka para ganharem algum dinheiro, foram abordados por um homem, que se dizia cherokee, mas que a princípio lhes pareceu ser um negro. O homem lhes pediu que o levassem a seus chefes. Atendido, falou-lhes do mau tratamento que até então tinham recebido do governo norte-americano, da violação dos tratados e da carência de justiça, oferecendo-se para ajudar aos potawatomi a recuperar a grande quantidade de dinheiro que lhes era devido em Washington. O homem era um grande conhecedor dos assuntos indígenas, dos tratados assinados, dos documentos históricos concernentes aos potawatomi, dos trâmites processuais, e passou a atuar como um advogado da causa potawatomi, ainda conseguindo dinheiro para fazer o acompanhamento dos processos que abria sobre violação de tratados, pagamento inadequado pelas antigas terras, entre outros. Desse modo os conservadores não somente tiveram um objetivo bem definido para dirigir sua atuação, como a reserva potawatomi ganhou o interesse também dos absenteístas, interessados em receber o que lhes tocava nas indenizações reivindicadas. Mas os conservadores ignoravam as demandas dos progressistas de participarem do governo da comunidade (pp. 193-197). Abrindo um parêntesis, há uma curiosa semelhança entre o aparecimento inesperado deste homem desconhecido e o daquele que surgiu na reserva mohawk de Kahnawake, junto a Montreal, Canadá, em 1916 (ver área Grandes Lagos).

A implacável oposição ao Bureau of Indian Affairs e a seu agente local impediu os conservadores de apreciar o aspecto positivo do Indian Reorganization Act, assinado em 1934, durante o governo Roosevelt, de promoção do auto-governo da comunidade e de seu melhoramento econômico, e eles o interpretaram como mais um instrumento assimilacionista. Além disso, acreditavam que a aceitação desse novo programa do governo prejudicaria suas ações de indenização que corriam na justiça. E assim, até a Segunda Guerra Mundial, o agente, por mais estratégias que imaginasse, não conseguiu a adesão dos conservadores (pp. 197-199).

Além da recusa ao Indian Reorganization Act, com sua oposição sistemática os conservadores impediram a comunidade de se beneficiar de muitos serviços técnicos, financeiros e sociais oferecidos pelo Bureau. Seu Business Committee nomeou a si mesmo como comitê vitalício de reivindicações especiais, esquecendo-se de que era eletivo e deixando de fazer eleições. Os conservadores foram assim se ilhando cada vez

mais, de modo que, no fim da Segunda Guerra Mundial, com o retorno dos veteranos nas lides militares e serviços auxiliares, que já não estavam tão afinados com as idéias dos conservadores, a oposição a eles aumentou, e assim, em 1961, uma nova constituição foi adotada, com a aprovação do Bureau. Ela garantia a qualidade de membro a todos que tinham recebido lotes pelo Dawes Act e seus descendentes, independentemente do grau de “sangue”, e excluía a condição de residência na reserva para votar e desempenhar cargos. Assim, o poder pendeu para os absenteístas, assimilados e progressistas. O Prairie Band, que tinha cerca de 700 membros arrolados nos anos 1940, passou a ter mais de 2.100, dentre os quais os conservadores não eram mais de 300. Como os conservadores recorreram a tribunais estaduais e federais contra as novas medidas, bloquearam assim, até a decisão final da justiça, o pagamento das indenizações que já estavam sendo conseguidas (pp. 199-202). A situação estava nesse pé quando da redação do artigo aqui consultado.

Bibliografia

- ANDERSON, Gary Clayton. 1999. *The Indian Southwest, 1580-1830: Ethnogenesis and Reinvention*. Norman: University of Oklahoma Press.
- BENDER, Susan J. & WRIGHT, Gary A. 1988. “High-altitude occupations, cultural process, and high Plains prehistory: Retrospect and prospect”. *American Anthropologist* 90 (3): 619-639.
- BENEDICT, Ruth. . *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil.
- BROWN, Dee. 1972. *Enterrem Meu Coração na Curva do Rio: Uma História Índia do Oeste Americano*. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Melhoramentos e Centro do Livro Brasileiro.
- CLIFTON, James A. 1970. “Factional conflict and the indian community: The pairie Potawatomi case”. Em *The American Indian Today* (org. por Stuart Levine & Nancy O. Lurie). Baltimore: Penguin Books. pp. 184-211.
- EGGAN, Fred. 1955. “The Cheyenne and Arapaho kinship system”. Em *Social Anthropology of North American Tribes* (Fred Eggan, org.). Edição ampliada. Chicago & Londres: The University of Chicago Press. pp. 33-95.
- EGGAN, Fred. 1966. “The Cheyenne and Arapaho in the perspective of the Plains: Ecology and society”. Em *The American Indian: Perspectives for the Study of Social Change* (de Fred Eggan). Chicago: Aldine. pp. 45-77.
- EWERS, John C. 1967. “The horse complex in Plains indian history”. Em *The North American Indians: A Sourcebook* (Roger C. Owen, James J.F. Deetz & Anthony D. Fisher, orgs.). New York: MacMillan. pp. 494-503. Abreviado do trabalho do mesmo autor “The horse in Blackfoot indian culture; with comparative material from other western tribes”, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, *Bulletin* 159, 331-339, 1955.
- GALVÃO, Eduardo. 1963. “O cavalo na América indígena; nota prévia a um estudo de mudança cultural”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. 14, pp. 221-232, São Paulo.
- GRINNELL, George B. 1967. “Coup and scalp among the Plains Indians”. Em *The North American Indians: A Sourcebook* (Roger C. Owen, James J.F. Deetz & Anthony D. Fisher, orgs.). New York: MacMillan. pp. 514-527. Abreviado do texto de mesmo título e autor, *American Anthropologist*, 12, 296-310, 1910.
- HOEBEL, E. Adamson. 1960. *The Cheyenne: Indians of the Great Plains*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- KROEBER, Alfred L. 1983. *The Arapaho*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press. Publicado originalmente em três partes do *Bulletin of the American Museum of Natural History* em 1902, 1904 e 1907.
- LANDES, Ruth. 1986. “Dakota warfare”. *Journal of Anthropological Research* 42 (3): 239-248. [Reproduzido do *Southwestern Journal of Anthropology* 15: 43-52, 1959].

- LOWIE, Robert H. 1982. *Indians of the Plains*. Prefácio por Raymond J. DeMallie. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press. Edição original em 1954.
- MAGER HOIS, Elisabeth A. 2006. *Kikapú*. México: CDI. (Pueblos Indígenas del México Contemporáneo, 15 — <http://www.cdi.gob.mx>).
- McALLISTER, J. Gilbert. 1955. “Kiowa-Apache social organization”. Em *Social Anthropology of North American Tribes* (Fred Eggan, org.). Edição ampliada. Chicago & Londres: The University of Chicago Press. pp. 97-169.
- MOONEY, James. 1965. *The Ghost-Dance Religion and the Sioux Outbreak of 1890*. Com cortes e uma Introdução de Anthony F.C. Wallace. Chicago e Londres: The University of Chicago Press. O trabalho original foi publicado como Parte 2 do *Fourteenth Annual Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1892-93* (Washington: Government Printing Office, 1896).
- POWERS, William K. 1993. “Ghost songs: Echoes of Wounded Knee”. *Journal de la Société des Américanistes* 79: 9-19.
- MOORE, John H. 1988. “The dialects of Cheyenne kinship: variability and change”. *Ethnology* 27 (3): 253-269.
- SPIER, Leslie. 1967. “The Kiowa Sun Dance”. Em *The North American Indians: A Sourcebook* (Roger C. Owen, James J.F. Deetz & Anthony D. Fisher, orgs.). New York: MacMillan. pp. 504-513. Abreviado de “Notes on Kiowa Sun Dance” e “The Sun Dance of the Plains Indians: Its development and diffusion”, do mesmo autor, em *The Sun Dance of the Plains Indians*, org. por C. Wissler, *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, 16, 437-462, 1921.
- TAX, Sol. 1955. “The social organization of the Fox Indians”. Em *Social Anthropology of North American Tribes* (Fred Eggan, org.). Edição ampliada. Chicago & Londres: The University of Chicago Press. pp. 241-282.
- VOGET, Fred W. 1964. “Warfare and the integration of Crow Indian culture”. Em *Explorations in Cultural Anthropology: Essays in Honor of George Peter Murdock* (org. por Ward H. Goodenough). New York: McGraw-Hill Book Company. pp. 483-509.
- WILLIAMS, Stephen. 1964. “The aboriginal location of the Kadohadacho and related tribes”. Em *Explorations in Cultural Anthropology: Essays in Honor of George Peter Murdock* (org. por Ward H. Goodenough). New York: McGraw-Hill Book Company. pp. 545-570.
- WOLF, Eric R. 1982. *Europe and the People without History*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press.

População indígena das Planícies

Canadá

A população indígena canadense da área das Planícies, tomei-a do site do Aboriginal Affairs and Northern Development Canada, que considera apenas os índios registrados (<http://pse5-esd5.ainc-inac.gc.ca/fnp/Main/Search/SearchFN.aspx?lang=eng>), com atualização a cada mês. No quadro abaixo são números de maio de 2014 para Saskatchewan (SK) e Alberta (AB). Algumas First Nations não permitem divulgar seus números; daí a razão da terceira coluna. Nem todos os índios estão em sua reserva. A fonte consultada distingue a população por sexo e em seis situações: na própria reserva; em outras reservas, na própria Terra da Coroa, em Terra da Coroa de outro bando, em Terra da Coroa não atribuída a bando, fora da reserva. No quadro abaixo considere apenas a primeira situação e o total da população, sem fazer a distinção por sexo.

Por não saber delimitar corretamente os limites das Planícies no Canadá, considere como nelas instalados todos os crees, ojibwas, blackfoot, dakotas e assiniboines de Saskatchewan (SK) e Alberta (AB).

Planícies — Canadá — População registrada — 2014				
Etnônimo	Províncias	First Nations	Na reserva	Total
Cree	SK	38 de 40	46.696	95.469
	AB	25 de 28	36.391	68.671
	Total	63 de 68	83.087	164.140
Ojibwa	SK	8 de 8	4.582	16.212
	AB	1 de 1	838	1.267
	Total	9 de 9	5.420	17.479
Mistas Ojibwa e Cree	SK	6 de 6	3.058	10.610
Blackfoot	AB	3 de 3	14.239	22.507
Assiniboine ou Nakoda	SK	2 de 2	1.574	4.021
	AB	3 de 3	1.519	1.720
	Total	5 de 5	3.093	5.741
Mistas Cree, Ojibwa e Assiniboine	SK	2 de 2	247	899
Mista Cree e Nakoda	AB	1 de 1	1.235	2.005
Dakota	SK	4 de 4	1.052	2.629
Mista Cree, Ojibwa, Assiniboine e Dakota	SK	1 de 1	845	2.575

Estados Unidos

Os dados abaixo foram tomados do *2013 American Indian Population and Labor Force Report* (U.S. Department of Interior – Indian Affairs, 2014), que é baseada nos dados do censo demográfico dos Estados Unidos de 2010 (<http://www.bia.gov/cs/groups/public/documents/text/idcl-024782.pdf>). A primeira tabela contém dados extraídos da Table 3 (pp. 20-22) e a segunda, da Table 4 (pp. 24-29).

Estados Unidos — Planícies — 2010	
Áreas geográficas onde há tribos com reconhecimento federal, mas sem dados disponíveis de cada uma em particular	População
Atchison, Brown, Doniphan, and Jackson, Kansas	2.957
Northern Central and Western Minnesota	36.887
North Central and Northwestern North Dakota	21.057
Antelope, Cedar, Knox, and Pierce, Nebraska	881
Richardson, Nebraska	364
Northwestern Areas, South Dakota	10.292

Estados Unidos — Planícies — 2010	
Tribos com reconhecimento federal, cada qual com dados disponíveis	População
Blackfeet Tribe of the Blackfeet Indian Reservation of Montana	9.299
Assiniboine and Sioux Tribes of the Fort Peck Indian Reservation, Montana	7.090
Standing Rock Sioux Tribe of North & South Dakota, in North Dakota	8.956
Lower Brule Sioux Tribe of the Lower Brule Reservation, South Dakota	1.582
Oglala Sioux Tribe of the Pine Ridge Reservation, South Dakota	32.152
Rosebud Sioux Tribe of the Rosebud Indian Reservation, South Dakota	11.158
Yankton Sioux Tribe of South Dakota	3.978
Crow Creek Sioux Tribe of the Crow Creek Reservation, South Dakota	4.396
Lower Sioux Indian Community in the State of Minnesota (Dakota)	848
Prairie Island Indian Community of the State of Minnesota (Dakota)	819
Shakopee Mdewakanton Sioux Community of Minnesota (Dakota)	1.293
Sisseton-Wahpeton Oyate of the Lake Traverse Reservation, in Minnesota	273
Sisseton-Wahpeton Oyate of the Lake Traverse Reservation, in North Dakota	448

Sisseton-Wahpeton Oyate of the Lake Traverse Reservation, in South Dakota	5.512
Spirit Lake Tribe, North Dakota	5.002
Flandreau Santee Sioux Tribe of South Dakota	2.025
Crow Tribe of Montana	8.880
Northern Cheyenne Tribe of the Northern Cheyenne Indian Reservation, Montana	4.562
Omaha Tribe of Nebraska	1.852
Ponca Tribe of Nebraska, in Douglas, Nebraska	9.812
Ponca Tribe of Nebraska, in Pottawttamie, Iowa	1.001
Prairie Band of Potawatomi Nation, Kansas	733
Winnebago Tribe of Nebraska	1.450
Sac & Fox Tribe of the Mississippi in Iowa	1.426
Kickapoo Traditional Tribe of Texas	721

Planícies — Classificação linguística

Família algonquina (tronco macro-algonquino): blackfoot, gros-ventres (atsina), arapaho, cheyenne.

Família sioux (tronco macro-sioux): assiniboin, dakota, crow, hidatsa, mandan, iowa, omaha, osage, ponca oto-missouri.

Família caddo (tronco macro-sioux): arikara, caddo, pawnee, wichita.

Família uto-asteca (tronco asteca-tano): comanche.

Família atapasca (tronco na-dene): kiowa.

[Página inicial](#)

[Lista das áreas](#)